

O CONCEITO DE FORMA NA PSICOLOGIA DA GESTALT

(À MARGEM DE UMA POLÊMICA CÉLEBRE)

De EVARISTO DE MORAIS FILHO

É CONHECIDA a crítica que endereçou o filósofo italiano, Eugênio Rignano, à concepção gestaltista de forma. Entre outras coisas, afirmou aquele pensador que a forma apresentada pela nova psicologia nada mais era do que uma reedição dos dados essenciais da filosofia kantiana. O espírito humano entraria em contato com o caos dos dados sensoriais imediatos, imprimindo-lhe a sua forma, a priori, ao apreendê-los e ordená-los.

Quanto à Escola de Graz, talvez se possa aceitar como quase verdadeira a afirmativa de Rignano. E isso porque, dada a sua natureza espiritualista, a forma para aqueles psicólogos (Von Ehrenfels, Benussi) nada mais era do que um deus ex machina produzido pelo espírito, como coroamento final da percepção humana. Não se encontraria essa forma diretamente nos fatos e dados concretos exteriores. Esses se encontrariam, na realidade, despidos de qualquer ordenação, atomisticamente. O nosso espírito é que os englobaria em totalidade estruturadas, ou gestalten.

No que se refere à Escola de Berlim, peca pela base a crítica de Rignano, por isso que não se filiam êles a Kant. Dos pensadores alemães da primeira metade do século passado, foram os psicólogos de Berlim buscar inspiração em Goethe. O isomorfismo de Kohler parte justamente de uma frase de Goethe — *Was ist aussen, das ist innen*. Logo, desaparece a idéia kantiana do caos exterior e cosmos interior. Para os gestaltistas de Berlim, há sempre ordem, há sempre formas, quer externa ou internamente. A ordem interna nada mais fez do que refletir, através do mecanismo fisiológico, a própria ordem física exterior e objetiva.

Pois bem, o que nos interessa na crítica de Rignano — e que deu ensejo ao título acima — é aquela passagem em que êle mostra a ambigüidade do emprêgo da palavra Gestalt pela Escola de Berlim. Demais, mostra ainda Rignano a tendência a reduzir a concepção de forma ao seu sentido abstracionista de dado geométrico.

Tal crítica foi publicada, como é sabido, na revista italiana *Scientia*, vol. XLII, ano XXI. No vol. XLIII, ano XXII, apareceu a resposta de Kohler, a princípio verdadeiramente desconcertante. Dizia êle: "Censuram-se os gestaltistas por aplicarem a mesma noção de forma a toda a espécie de fenômenos e de problemas; figuras, objetos, palavras, frases, etc. Esta enumeração, devo confessá-lo, é ainda muito sucinta, na minha opinião. Seria necessário acrescentar ainda muitas outras coisas".

E depois, continua Kohler, a suposta confusão notada por Rignano e outros críticos, entre forma no seu sentido abstrato, geométrico e a forma, unidade concreta, natural, é justamente cometida por êsses mesmos críticos, talvez devido a uma deficiência do seu vocabulário, pois

tanto em francês como em inglês os termos forma e shape traduzem de preferência o sentido abstrato da noção. "Ora, tal confusão — palavras de Kohler — é impossível para quem conhece bem a língua alemã. Será sempre fácil, pelo conjunto do texto, ver se se trata do sentido abstrato de Gestalt, ou do seu sentido concreto, muito mais corrente em alemão".

De fato, para Kohler, as formas vão muito além do seu sentido meramente geométrico para abranger a totalidade do real. São verdadeiras unidades naturais (*naturlichen Einheiten*) que já existem na própria natureza física. Basta-nos lembrar — ainda na Escola de Graz, mas cujos resultados a Escola de Berlim adotou — a teoria das Gestaltqualitäten de Von Ehrenfels, de 1890. Não se trata aqui de um dado visual, e sim auditivo. Quer dizer, também no domínio das percepções auditivas aparecem as formas, em cujo campo não pode existir nenhuma característica geométrica.

Também as experiências de Kohler com chimpanzés e galinhas realizadas durante a Guerra de 14, em Tenerife (*Nachweis einfacher Strukturfunktionen beim Schimpansen und beim Haushuhn*, 1918), já muito nossas conhecidas, nada possuem de dado geométrico puro. Nessa sua obra, como o indica o seu próprio título, aparece a expressão estrutura funcional, que existiria entre os pares de côres, e que nada tem a ver com geometria. Aparecem também expressões como essas: *Farb-Gestalten* (formas da cor) e "estrutura em geral".

Na sua psicologia evolutiva, mostrou Koffka que a natureza dos processos psíquicos superiores é a mesma do mundo perceptual. Ali também se encontram formas, como totalidades dinamicamente organizadas. Como falar-se, assim, em geometria no mundo do psiquismo superior, onde nada há de espacial?

Além disso, levou Kohler a noção de forma até ao mundo físico, ao químico, e assim por diante. No campo elétrico, são comuns os exemplos de formas, no sentido gestaltista. E' suficiente citarem-se dois casos, lembrados por Kohler: os sistemas electrolíticos de soluções e os sistemas de distribuição sistemática (não aditiva). E, conclui Kohler, no mundo físico, natural, podemos sempre afirmar que existe uma forma quando deparamos com um fenômeno no que "as propriedades e ações características do todo não forem diretamente dependentes das propriedades e ações das suas partes". E tal se dá, justamente, nos casos apresentados acima.

Por essas simples notas, aqui soltas ao correr da pena, podemos, então concluir que para os gestaltistas de Berlim a noção de forma ultrapassa de muito o seu conceito puramente geométrico, para alcançar uma nota característica de verdadeiro processo dinâmico, supergeométrico.